

Difícilmente haverá outra disciplina que contenha em si tantas facetas, que permita estabelecer tantas relações e ser abordada de tantos pontos de vista quanto a Arquitetura.

Já na antiga Roma, o arquiteto Vitruvio referia-se aos três aspectos que devem ser considerados em toda obra arquitetônica: firmitas, utilitas e venustas, ou seja, técnica, funcionalidade e estética. Tais aspectos, é verdade, nem sempre são equivalentes na concepção da obra, variando de acordo com o programa de necessidades do edifício, com o sítio de implantação, com os recursos disponíveis e com as opções individuais do arquiteto. O aspecto funcional é primordial. O edifício deve, como ponto de partida, “funcionar”, sem o que perde a razão de ser. A obra arquitetônica é resultado de um contexto social, cujas demandas determinam a forma de utilização do edifício. A estrutura espacial que responderá a essas demandas, por sua vez, deverá ser concebida em termos construtivos e tecnológicos, realizando-se através do emprego de materiais adequados que possam resistir estaticamente e oferecer proteção às intempéries. O aspecto técnico, portanto, estabelece o elo indissolúvel entre projeto (concepção) e obra (realização material). O aspecto estético, por fim, diz respeito à inserção da obra num contexto cultural, e, fundindo função e técnica, confere distinção e caráter ao edifício, dotando-o de valor simbólico.

Outra abordagem importante diz respeito às diversas escalas da Arquitetura. Do “planejamento regional” ao “design do objeto” há um vasto campo, que passa pelo desenho urbano, pela edificação, pelo paisagismo, pela arquitetura de interiores. Mas, se no passado o arquiteto-artesão responsabilizava-se por todas as escalas e etapas da obra, desde a concepção até a construção, hoje há, cada vez mais, uma tendência à especialização profissional. Num grande projeto convivem, com frequência, o responsável pelo projeto arquitetônico, o urbanista, o paisagista e o planejador de interiores.

E que dizer das relações da Arquitetura com outras disciplinas? O seu caráter visual e a sua linguagem gráfica, por exemplo, aproximam-na da Fotografia e das Artes Plásticas. Não raro, arquitetos importantes dedicaram-se à fotografia ou à pintura. Le Corbusier, por exemplo, o maior expoente da Arquitetura Moderna, criou o Purismo, movimento pictórico que tinha relações com o Cubismo e com a arte moderna do início do século XX. E, mais do que isto, transpôs importantes descobertas do campo pictórico para o arquitetônico e vice-versa.

É inegável, também, a relação da Arquitetura com a Literatura, tanto no que se refere ao seu caráter compositivo, ou seja, à manipulação de elementos que constituem uma “linguagem”, como no que diz respeito ao uso de cenários urbanos, reais ou fictícios, como panos de fundo para as histórias.

Também o Teatro e o Cinema são formas de expressão que, com frequência, alimentam-se da Arquitetura. É notória a atração que a cenografia tem exercido sobre os arquitetos. Edifícios, cidades, ambientes, participam como elementos importantes na obra cinematográfica, assumindo, por vezes, caráter, por assim dizer, protagonista em filmes como Metrópolis, Mon Oncle, Blade Runner e tantos outros.

As conexões da Arquitetura com a Música e a Matemática foram estabelecidas, pela primeira vez, no Renascimento. Alberti reconheceu a importância da teoria das proporções e de suas relações com os intervalos musicais; Palladio inovou ao conjugar sistematicamente as partes do edifício por meio de proporções harmônicas. Os arquitetos renascentistas, portanto, relacionavam Arquitetura e Música no que ambas têm de ritmo, de harmonia, de métrica, de “composição”. Modernamente, Le Corbusier sente-se atraído pelas investigações matemáticas acerca das “proporções dinâmicas” e, em particular, pelas propriedades da “proporção áurea”, materializando suas descobertas em realizações importantes, como a fachada da Villa em Garches. Tal composição, embora absolutamente moderna, foge da “disonância” – cânone moderno – e busca a “harmonia” da composição clássica.

O componente social e humanístico da Arquitetura, a aproxima da Sociologia e da Psicologia. Afinal, um projeto envolve um cliente ou um grupo de clientes, é dirigido a uma comunidade e faz parte de um contexto social. Grandes projetos de arquitetura podem conjugar arquitetos, sociólogos e psicólogos na sua concepção, especialmente quando dirigidos a grupos populacionais específicos.

“A Arquitetura constrói o lugar”: nada mais revelador da intimidade entre Arquitetura e Ecologia. De um lado, pelas transformações ambientais que as construções podem provocar; de outro, pelas condições de conforto que os edifícios proporcionam (ou não) ao homem.

A relação com a História é, talvez, a mais óbvia. Perpetuando-se através de séculos ou milênios, a Arquitetura funciona como importante testemunho de tempos passados, sendo instrumento fundamental para o estudo histórico. Por outro lado, as transformações técnicas, funcionais e formais dos edifícios ao longo da história são estudadas em todos os bons cursos de Arquitetura atuais. Não se trata, evidentemente, de “copiar” o passado, mas de usá-lo como referencial à prática do presente.

É importante observar, ainda, que os grandes movimentos culturais e artísticos da história da humanidade sempre incluíram, além das Artes Plásticas, da Literatura e da Música, a Arquitetura como integrante essencial. Trata-se, portanto, de uma forma de manifestação cultural tão importante como as demais, com suas respectivas peculiaridades. É interessante perceber, por exemplo, que composições gráficas, literárias ou musicais, podem ser desfrutadas em qualquer lugar, enquanto a obra de arquitetura, para uma completa fruição, exige o deslocamento do observador até o local de implantação.

A Arquitetura, portanto, não é de forma alguma uma disciplina estanque. Permite múltiplas abordagens e tem vínculos com várias outras disciplinas. E talvez aí, nessa multiplicidade, resida seu fascínio. A **ARQTEXTO 1** busca mostrar estas interfaces através de artigos multi-temáticos, que revelam, de forma atraente, esses curiosos e estreitos vínculos.

O presente número rende também, no texto de Hugo Segawa, homenagem ao brilhante arquiteto espanhol Ignasi de Solà-Morales, recentemente falecido.